

POLO NORTE DO COMUNISMO? OS PRIMEIROS ANOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB) NA CIDADE DE SÃO PAULO

Lucas Alexandre Andreto¹

Resumo: Apesar da historiografia contar com razoável produção sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o estudo sobre a atuação local dos comunistas ainda é um campo profícuo de pesquisas. Nesse sentido, a atuação do PCB na cidade de São Paulo na década de 1920 destaca-se por ter sido caracterizada pela historiografia como fraca, apesar de São Paulo ser, na época, a maior cidade industrial do Brasil e com rico histórico de organização dos trabalhadores. Neste artigo pretendemos demonstrar que os comunistas paulistanos tiveram uma ativa atuação na capital paulista durante a década de 1920, participando de importantes acontecimentos políticos e sociais da metrópole, ainda que não tenham conseguido acumular a mesma capacidade de organização e mobilização dos operários que no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: São Paulo; Partido Comunista Brasileiro (PCB); Comunismo.

THE NORTH POLE OF COMMUNISM? THE EARLY YEARS OF THE COMMUNIST PARTY OF BRAZIL (PCB) IN THE CITY OF SÃO PAULO

Abstract: Despite the fact that historiography has a reasonable research material on the Brazilian Communist Party (PCB), the study on the performance of the local communists is still a fruitful field of research. In this sense, the performance of the PCB in the city of São Paulo in the 1920s stands out for having been characterized by historiography as weak, although São Paulo was, at the time, the largest industrial city in Brazil and with a rich history of labor organization. The aim of this article is demonstrate that the communists in Sao Paulo had an active performance in the state's capital during the decade of 1920's, participating in important political and social events of the metropolis, although they did not manage to accumulate the same capacity of labor organization and mobilization in Rio de Janeiro.

Keyword: São Paulo; Brazilian Communist Party (PCB); Communism.

¹ Graduado e mestre em História pela UNESP-Assis e doutorando em Ciências Sociais pela UNESP-Marília Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4174986655562358>. E-mail: andreto,lucas@gmail.com.

Introdução

O Partido Comunista Brasileiro (PCB)² conta hoje com uma razoável produção bibliográfica a respeito de sua própria história. O trabalho de escrever a história dos comunistas brasileiros começou na década de 1960 por iniciativa do próprio Partido, estando Astrojildo Pereira e Marly Vianna à frente da tarefa e, ainda que não tenha prosperado naquele momento, recebeu importantes contribuições dos mais variados tipos (livros de memórias, trabalhos feitos por militantes e por acadêmicos, biografias de personagens históricos etc.) principalmente nas décadas de 1980 e 2000³.

Contudo, isso não significa dizer que a temática está esgotada. Entre as muitas lacunas que ainda podem ser preenchidas na história do comunismo brasileiro estão os trabalhos de história regional, ainda que já tenhamos avanços nesse sentido⁴. A história dos comunistas na cidade de São Paulo, que é o objeto deste artigo, a título de exemplo, recebeu um

² Atualmente existem três Partidos que reivindicam a história do Partido Comunista do Brasil (PCB): Seção brasileira da Internacional Comunista. São eles o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e até março de 2019 o Partido Popular Socialista (PPS), hoje Cidadania. Como o período histórico abordado por nosso artigo não chega ao momento de divisão entre o PCB e o PCdoB (ano de 1962), a sigla PCB sempre irá se referir ao Partido de origem. Entretanto, ao mencionarmos a historiografia geral sobre os comunistas brasileiros optamos por usar o nome Partido Comunista Brasileiro para designar retroativamente o Partido Comunista do Brasil (PCB) e considerar o PCdoB um Partido a parte, saído das fileiras do PCB.

³ Para uma análise da bibliografia sobre os comunistas brasileiros e o movimento operário: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros? *Revista Outubro*, n 29, 2017; BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.

⁴ Para exemplos de abordagens regionais de história do PCB, cf. PEIXOTO, Artur Duarte. *Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927 – 1930)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006; ZAIDAN FILHO, Michel. Notas sobre as origens do PCB em Recife. In: BEZERRA, Aurélio Menezes; VASCONCELOS, Maicon Maurício; SANTANA, Rafael. (Org.). *Manifestações Operárias e Socialistas em Pernambuco*. 01ed. Recife: Nucleo de estudos eleitorais, partidários e da democracia-ufpe, 2012, v. 01, p. 111-126.

tratamento marginal pela historiografia. Os livros de história do PCB, principalmente aqueles que abordaram as duas primeiras décadas de vida do Partido (anos 1920 e 1930), colocaram ênfase no Rio de Janeiro, por ser o local de maior força dos comunistas. À presença dos comunistas em São Paulo restou o lugar de algumas páginas, parágrafos e comentários depreciativos, como o de Paulo Sérgio Pinheiro que detectou na militância dos comunistas paulistanos uma “fraqueza crônica”⁵.

A pouca atenção dada aos comunistas paulistanos, bem como as afirmações negativas, não foram inauguradas pela historiografia do PCB e tampouco são infundadas. As fontes disponíveis sobre a história do PCB em São Paulo, principalmente na década de 1920, são abundantes de testemunhos e comentários do gênero. No II Congresso do PCB, realizado em 1925, o Partido afirma que apenas “a inércia e o desleixo podem explicar o atraso da organização comunista – 12 escassíssimos aderentes ao cabo de três anos – num grande centro industrial como São Paulo”⁶. Durante a década de 1920, o PCB da cidade de São Paulo foi chamado por uma liderança comunista da cidade de Santos de “Polo Norte do comunismo”, pois lá “tudo frio”⁷, e também de “máquina emperrada” pela sua ausência de ação e organização⁸. O próprio secretário-geral do PCB, Astrojildo Pereira, afirmou para um dirigente do Comitê Regional paulista, Plínio Mello, que “a organização do Partido em S. Paulo sempre foi nossa maior vergonha”⁹. Outros dirigentes comunistas da década de 1920 também

⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e o Brasil (1922 – 1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 77.

⁶ Partido Comunista do Brasil (PCB). *Teses do II Congresso do P.C.B.* Rio de Janeiro, 1925. (CEDEM – ASMOB)

⁷ OLIVEIRA, João Freire de. Carta de João a Astrojildo Pereira. Santos, 20/05/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

⁸ OLIVEIRA, João Freire de. Carta de João ao camarada Astrojildo. Santos, 16/09/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

⁹ PEREIRA, Astrojildo. Carta de Astrojildo Pereira a Plínio Mello. Rio de Janeiro, 14/12/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

afirmaram posteriormente que “o resultado [dos comunistas] em São Paulo sempre foi uma desgraça”¹⁰ e que a atuação do PCB na metrópole paulista “nunca fora grande coisa”¹¹.

Neste artigo, porém, pretendemos demonstrar que a história dos comunistas em São Paulo não se resume nem se resolve em tais julgamentos e silêncios. A cidade de São Paulo no início da década de 1920 havia acabado de superar o Rio de Janeiro em desenvolvimento industrial, tornando-se então a cidade com maior presença de indústrias e de operários fabris no Brasil. É, no mínimo, intrigante que os comunistas não tenham conseguido expandir sua organização em solo tão aparentemente fértil para eles e apenas isso já deveria ser o suficiente para a atuação dos comunistas em São Paulo receber maior atenção científica. A contradição torna-se ainda mais evidente quando notamos que a cidade de São Paulo foi palco de um movimento operário combativo na década de 1910, incluindo relevante circulação de jornais operários, presença política de socialistas e anarquistas nos meios proletários e a realização das greves gerais de 1917 a 1921. Quando levamos esses e outros elementos relacionados à história do movimento operário em conta, as poucas informações existentes sobre o PCB em São Paulo aparecem como um enigma. Uma série de perguntas nos surge, de maneira que só podemos respondê-las observando de perto a construção do Partido na metrópole paulista.

A análise local do PCB em São Paulo também serve de amostra de estudo do modo de operar dos Partidos comunistas durante a época da III Internacional. A construção de um Partido Comunista, desde o nível zero até

¹⁰ BRANDÃO, Otávio. Otávio Brandão (depoimento, 1977). Rio de Janeiro: CPDOC, 1993, p. 38.

¹¹ BASBAUM, Leoncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1972, p. 111.

o momento em que consegue mobilizar expressivos contingentes da classe trabalhadora, é um processo permeado de imensas dificuldades de todos os tipos, desde a capacidade de convencimento, aproximação entre intelectuais e operários, manutenção financeira da organização até o enfrentamento com as forças policiais e a prisão. A análise localizada da atuação dos Partidos Comunistas tem a vantagem de nos revelar com maior precisão as características do cotidiano da militância dos comunistas, que era ao mesmo tempo a construção do Partido Comunista, de uma maneira que uma abordagem mais geral nem sempre é capaz de fazer.

O nascimento do PCB em São Paulo

O Partido Comunista do Brasil (PCB) nasceu na cidade de São Paulo por meio de meia dúzia de militantes já experientes do movimento operário da capital paulista que, em decorrência da derrota das lutas proletárias que tomaram a cidade entre os anos de 1917 e 1921 e da vitória da Revolução Russa, convenceram-se de que deveriam deixar o anarquismo como teoria e método de organização e aderir às ideias então propagandeadas pela recém-fundada III Internacional. Dentre eles, as fontes disponíveis nos permitem identificar apenas quatro: Affonso Schmidt, Everardo Dias, Raymundo Reys e João Jorge da Costa Pimenta¹². Certamente a passagem

¹² A maior parte das fontes disponíveis sobre a fundação do PCB em São Paulo são da autoria do jornalista, poeta e romancista Affonso Schmidt. Schmidt é autor do famoso depoimento do “cometa de Manchester”, um possível enviado inglês da III Internacional para fundar os Partidos comunistas na América do Sul. O texto, saído originalmente no Jornal de São Paulo de 17 de fevereiro de 1946 é citado por Thomaz Ramos Neto juntamente com outro depoimento de Schmidt sobre a fundação do PCB em São Paulo, provavelmente para o mesmo jornal (NETO, Thomas Ramos. Algumas observações sobre a fundação do Partido. In *Estudos*. Edições SAP, Ano I, n 2, 1971). Aqui, usaremos a versão do mesmo relato de Affonso Schmidt presente em seu livro de memórias, *Bom Tempo* (SCHMIDT, Afonso. *Bom Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1958). Outra fonte que nos permite deduzir os presentes na reunião de fundação do PCB em São Paulo é o livro de Astrojildo Pereira, *Formação do PCB (1922 – 1928)* São Paulo: Anita Garibaldi, 2012. p. 81).

de uma ideologia política a outra não foi imediata e tampouco carente de contradições. Nestes aspectos, o nascimento do PCB em São Paulo compartilhava da mesma lógica que o fez nascer em outros lugares, como o Rio de Janeiro e Porto Alegre.

O processo de gestação do Partido Comunista na Pauliceia é ilustrativo no que diz respeito a essa dificuldade de transição de posição política. Seus primórdios remontam ao Grupo Comunista Brasileiro Zumbi, nascido no ano de 1918 e inspirado no Grupo Clarté, cujo principal expoente era o romancista e jornalista Affonso Schmidt, mas que também tinha entre seus membros e fundadores Astrojildo Pereira, Edgard Leuenroth, Everardo Dias, Gigi Damiani, Maximiano Ricardo, Andrade Cadete e Silvio Floreal. As atividades desse grupo, porém, se limitaram a um manifesto de convocação em “jornais da época” e enviado a Henri Barbusse, tendo uma existência efêmera¹³.

No ano seguinte, em 1919, a cidade de São Paulo assistiu no seu 1º de Maio, Dia do Trabalhador, ao anúncio de fundação do Partido Comunista do Brasil feito por Manoel Campos em comício na Praça da Sé. Este PCB, que entrou para a historiografia sendo chamado de Partido Comunista Libertário para diferenciá-lo do PCB que veio a nascer em 1922, era basicamente um Partido Comunista com conteúdo anarquista, possível apenas naquele momento histórico em que as fronteiras entre bolchevismo e anarquismo não eram claras devido à grande distância geográfica entre o Brasil e à Rússia e à dificuldade de comunicação e acesso a material confiável a respeito da Revolução Russa. Assim que essas fronteiras políticas se delimitaram, o PCB libertário deixou de existir. Alguns de seus militantes

¹³ PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Tradição e modernidade: Affonso Schmidt e a literatura paulista (1906 – 1928)*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 86.

permaneceram defendendo as ideias anarquistas e outros rumaram em direção ao bolchevismo, fundando novamente o PCB em 1922¹⁴.

Em fins de 1921 ou começo de 1922, Astrojildo Pereira viajou do Rio de Janeiro para São Paulo a fim de fundar juntamente com os seis militantes paulistanos o Grupo Comunista de São Paulo, que foi um dos núcleos de formação do PCB. O relato sobre a fundação sai da pena de Affonso Schmidt que, presente na reunião, atribuiu ao médico e poeta Raymundo Reys o papel principal de organizar e arregimentar os militantes comunistas na cidade de São Paulo para a fundação do Partido. A reunião de fundação do Grupo Comunista de São Paulo aconteceu na sede da Sociedade Beneficente dos Cirurgiões Dentistas, ao lado do consultório de Raymundo Reys, na Rua Líbero Badaró, próxima da esquina com a Rua Ladeira do Ouvidor (atual Rua do Ouvidor).

Paredes meas com o gabinete [de Raymundo Reys] ficava a sede de uma instituição beneficente dos cirurgiões-dentistas, de que era secretário. Ele guardava a chave para, alta noite, redigir as atas das sessões. Pois naquele salão de paredes empapeladas de verde, com seis filas de cadeiras e um lustre de quatro lâmpadas, suspenso no teto, muitas reuniões se realizaram, tratando de outros fins que não os interesses da sociedade humanitária. Foi ali que, numa noite do ano de 1923¹⁵, se reuniram diversas pessoas para, sob a direção de Astrojildo Pereira, que para isso havia chegado do Rio de Janeiro, fundarem um Partido político. No livro de presença não havia mais de meia dúzia de assinaturas. Finda a reunião clandestina, Raymundo Reys, com sua letra de circunstância, lavrou a ata.

¹⁴ Sobre a divisão do movimento operário brasileiro entre comunistas e anarquistas entre os anos de 1918-1921, cf. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004; GOMES, Leandro Ribeiro. *Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Assis, 2012.

¹⁵ Thomaz Ramos Neto mostra que em 1946, no *Jornal de São Paulo*, Schmidt havia dado como data da reunião os primeiros meses de 1922. Acreditamos que esta seja a data correta, pois o Grupo Comunista de São Paulo mandou como representante para o Congresso de fundação do PCB no Rio de Janeiro, em março de 1922, o gráfico João Jorge da Costa Pimenta (cf. NETO, Thomas Ramos. Algumas observações sobre a fundação do Partido. In *Estudos*. Edições SAP, ano I, n. 2, p. 83, 1971.).

Redigiu-a na mesma forma tabeliosa que empregava para as reuniões da sociedade beneficente de dentistas, de que era secretário. Dizia mais ou mesmo assim: aos tantos de tantos, nesta capital, ficou fundada a seção paulista do Partido Comunista do Brasil, instituição que... e lá vinham os intuitos do Partido. Linhas abaixo, o papel almaço recebeu as assinaturas dos presentes, poucas, mas históricas¹⁶.

Pouco à frente, Affonso Schmidt nos conta o fim derradeiro da ata de fundação do PCB em São Paulo:

Nos primeiros dias de 1945, quando a vitória dos Aliados já alumia o horizonte, e, destruídas as calúnias do nazi-fascismo, o Partido Comunista do Brasil caminhava para a legalidade a que tem direito, ele [Raymundo Reys] se despediu dos íntimos. Estavam presentes dois médicos, pessoas da família e velhos companheiros de luta. Raymundo Reys, com a voz apenas perceptível, disse-nos:
- A ata de fundação da seção paulista do Partido Comunista do Brasil está entre os meus papéis. Fica para vocês...
No dia seguinte, fechou os olhos para sempre, calmo, tranquilo, sereno, como só morrem os que sacrificaram a existência em benefício dos semelhantes¹⁷.

Ao abordar este depoimento de Affonso Schmidt, Thomaz Ramos Neto (ou Fragmon Carlos Borges) nos faz uma pergunta que é pertinente até os dias de hoje: “onde andará, agora, este importante documento da história de nosso Partido ?”¹⁸

Os primeiros anos: a greve dos gráficos de 1923 e a Revolta Tenentista de 1924

¹⁶ SCHMIDT, Afonso. *Bom Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1958, p. 356.

¹⁷ SCHMIDT, Afonso. *Bom Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1958, p. 358.

¹⁸ NETO, Thomas Ramos. Algumas observações sobre a fundação do Partido. In *Estudos*. Edições SAP, ano I, n. 2, p. 83, 1971.

Os três primeiros anos de atuação do PCB foram em todos os lugares, incluindo São Paulo, anos de solidificação do Partido, um período em que os comunistas estudavam o marxismo e debatiam as mais variadas questões em revistas como a *Movimento Comunista* e davam seus primeiros passos na agitação, propaganda e inserção nos sindicatos. Em São Paulo, os comunistas conseguiram adentrar-se quase imediatamente entre os trabalhadores gráficos, cozinheiros e garçons porque as pessoas-chaves na direção dos sindicatos destas categorias de trabalhadores abandonaram o anarquismo e se tornaram comunistas entre os anos de 1919 e 1922¹⁹. Assim, em 1922 e 1923, os jornais sindicais dos gráficos e dos garçons, *O Trabalhador Graphico* e *O Internacional*, respectivamente, já publicavam textos em que propagandeavam o PCB, o marxismo, a III Internacional e defendiam a Revolução Russa²⁰.

Já no ano de 1923, o comunista João Jorge da Costa Pimenta liderou uma vitoriosa greve dos trabalhadores gráficos na cidade de São Paulo. A

¹⁹ Foi o caso de João Jorge da Costa Pimenta, militante de longa data nas fileiras do anarquismo, foi delegado do Centro Cosmopolita ao II Congresso Operário Brasileiro em 1913 e depois delegado da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (UTG-SP) ao III Congresso Operário Brasileiro em 1920. Liderança entre os gráficos, sua passagem do anarquismo ao comunismo entre 1920 e 1922 acabou por levar a direção da UTG-SP no mesmo sentido, fenômeno este que voltou a ocorrer com a organização paulista quando João Jorge da Costa Pimenta abandonou o PCB para se tornar trotskista no início da década de 1930 (BATALHA, Claudio. *Dicionário do movimento operário*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009, p. 128). Com o sindicato dos garçons e cozinheiros, *A Internacional*, aconteceu movimento semelhante. Depois de passar por um breve fechamento no fim da década de 1910, os dirigentes até então anarquistas como José Gil Diegues, Manoel de Oliveira e João Freire de Oliveira reorganizaram o sindicato em 1921 agora já simpatizantes do bolchevismo e passaram a direcionar o sindicato ideologicamente nesse sentido, ainda que sempre em disputa com os anarquistas (*Salve A Internacional! O Internacional*. São Paulo, 11/04/1926, p. 1-2).

²⁰ Chilcote define esse período do PCB como de “captabilidade subcultural”, por ser o momento em que o Partido buscou fincar raízes na sociedade brasileira, divulgando suas ideias, conquistando força nos sindicatos e buscando alianças com as forças progressistas da sociedade. Segundo o autor, é um período em que o PCB era influente no movimento sindical, tinha uma capacidade de militância média e uma tolerância fraca por parte do Estado brasileiro Cf. *Partido Comunista Brasileiro: Conflito e Integração (1922 – 1979)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

greve durou quase dois meses, os gráficos não recuaram um só momento perante as mais diversas artimanhas dos industriais para acabar com a greve — locautes, acordos individuais, disseminação de boatos contra os dirigentes da greve, repressão policial etc. – e no dia 24 de março os gráficos terminaram a greve tendo todas as suas demandas atendidas pela totalidade das empresas gráficas da cidade de São Paulo. O dia do início da greve, 7 de fevereiro, passou a ser comemorado como Dia do Trabalhador Gráfico.

A União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), sindicato já então dirigido por comunistas, saiu da greve fortalecida em capacidade de mobilização, mas pouco se creditou ao Partido Comunista do Brasil ou à sua seção regional em São Paulo. Assim, a greve dos gráficos de 1923, ainda que com presença importante de comunistas, não resultou em ganho de militantes ou de organização para o PCB, e os dirigentes comunistas no Rio de Janeiro sentiam que o Partido Comunista em São Paulo “não valia nada”²¹.

No ano seguinte, 1924, o PCB-SP viveu mais um acontecimento de peso para sua história. Quando aconteceu a revolta “tenentista” em São Paulo, João Jorge da Costa Pimenta tentou negociar com Isidoro Dias Lopes o armamento do proletariado para formar “batalhões verdadeiramente populares” para cortar as comunicações, agitar e levantar a população do interior e organizar guerrilhas contra as forças governamentais. Porém, o líder tenentista recusou prontamente as propostas de Pimenta, advertido por Macedo Soares contra o “perigo bolchevista”. O referido encontro aparece narrado numa entrevista dada por Octávio Brandão em 1977, nestes termos:

Antes em 24, em São Paulo, o João da Costa Pimenta foi procurar Isidoro [Dias Lopes] e propôs o apoio do Partido Comunista, dos operários gráficos, armá-los ou dar armas aos operários. E Isidoro teve

²¹ DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 171.

medo, preferiu desertar ao entregar as armas para os operários – está aí o que é a pequena-burguesia. Cleto Campelo tomou as armas no Recife, vários comunistas padeiros participaram da Coluna Cleto Campelo. Morreram de armas na mão o dedo no gatilho, lutando contra as tropas da polícia. [...] Fomos procurar Isidoro em São Paulo, e Isidoro teve medo dos comunistas. Mesmo porque Isidoro se deixava levar por Macedo Soares, futuro ministro das relações exteriores. E o Macedo Soares dizia: “Os operários agitam-se já, e as aspirações bolchevistas estão aparecendo”. Isidoro também ficou com medo porque era uma massa operária enorme. E os operários pediam armas a Isidoro²².

Octávio Brandão, dirigente e intelectual comunista na década de 1920, avaliou no calor da hora a tomada da cidade de São Paulo pelos tenentes em seu livro *Agrarismo e Industrialismo* e pesou duramente a ação dos comunistas paulistanos perante a revolta. A análise de Brandão deixa transparecer o baixo nível de organização e alcance do PCB-SP, respaldando a tese de que até aquele momento, o Partido não era na capital paulista mais do que um pequeno grupo de propagandistas do comunismo. Brandão afirma que os comunistas de São Paulo nunca procuraram estudar seriamente o comunismo, nem organizar-se, disciplinar-se, centralizar-se e penetrar nas grandes fábricas. Por conta desses erros, eles teriam ficado impotentes perante a oportunidade revolucionária aberta pelos tenentistas. Nas palavras do próprio Brandão, não foram capazes de “cumprir seu dever revolucionário”. Para Octávio Brandão

O dever deles [dos comunistas de São Paulo] seria mais ou menos o seguinte: reunirem-se permanentemente os líderes. Darem ordens severas a todos os membros. Lançarem na rua um jornal diário, recorrendo, para isso, até mesmo a expropriação, embora temporária. Criarem conselhos de delegados nas fábricas da capital. Lançarem a palavra de ordem da frente única. Agitem os operários e os lavradores pobres em torno de conquistas imediatas. Espalharem manifestos e folhetos escritos em linguagem popular. Obterem instrutores com os revoltosos. Invadirem os depósitos e

²² BRANDÃO, Otávio. Otávio Brandão (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993, p. 130.

armarem os operários, preparando-os militarmente, subordinando-os à direção política da seção local do Partido . Lançarem os batalhões vermelhos, em avalanches de guerra contra os soldados da legalidade. Milhares de trabalhadores poderiam ter sido armados. E outros caminhos teria seguido a revolta pequeno-burguesa... Isto não foi feito. Nem poderia ter sido. Faltavam as preliminares para qualquer ação ulterior. Sirvam de lição os erros atuais. É necessário que o futuro não repita o passado²³.

No ano seguinte, 1925, O PCB realiza seu II Congresso, que tem como ponto de partida uma análise da conjuntura nacional com base no livro *Agrarismo e Industrialismo* de Octávio Brandão. Neste Congresso, realizado nos dias 16, 17 e 18 de maio no Rio de Janeiro, compareceu apenas um delegado representando o PCB de São Paulo. Na ocasião, os comunistas paulistanos recebem, mais uma vez, uma dura crítica por causa de sua atuação.

[...] o II Congresso constata que apenas o Relatório de Pernambuco dá uma ideia de atividade constante e profícua. As organizações de Santos, Cubatão e São Paulo, especialmente esta última [grifos nossos], ressentem-se de muita deficiência em sua atividade prática. Com efeito, só a inércia e o desleixo podem explicar o atraso da organização comunista – 12 escassíssimos aderentes ao cabo de três anos – num grande centro industrial como São Paulo. O Congresso insiste, pois, com os camaradas dessas localidades para que de futuro desenvolvam um mais profícuo trabalho de organização e propaganda, conquistando para o Partido as massas proletárias daquele Estado²⁴.

Assim chegaram os comunistas de São Paulo ao ano de 1925: em pequeno número de militantes, com inserção em poucos sindicatos e em poucas categorias de operários, tendo participado de acontecimentos

²³ BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e Industrialismo*: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. São Paulo: Garibaldi, 2006, p. 137.

²⁴ Partido Comunista do Brasil (PCB). II Congresso do P.C.B. (Seção Brasileira da Internacional Comunista). Teses e resoluções, Rio de Janeiro, 1925, p. 3.

importantes no movimento operário e mesmo na vida nacional, mas sem terem tirado disso saldo de militantes para o PCB. O II Congresso, que foi um marco para a organização do Partido, deliberou a criação de um jornal porta-voz dos comunistas que deveria fazer o papel de orientador ideológico do movimento revolucionário brasileiro. Esse jornal, *A Classe Operária*, reforçou o recado do II Congresso para os comunistas paulistanos diversas vezes, publicando artigos que apelavam para a organização da classe operária na cidade de São Paulo e exigindo que o PCB agisse com maior dedicação naquele local, pois era inexplicável a fraqueza do PCB na metrópole paulistana, já que “lá os bairros operários como Belenzinho, Braz, Mooca, Bexiga são ligados uns aos outros. A massa operária está mais concentrada, centralizada. Tornando mais fácil o trabalho de penetração”²⁵. Em texto assinado por E. Lopes e escrito em São Paulo, no dia 24 de maio de 1925 é feita a chamada para que os operários mais conscientes tivessem coragem de começar a dura tarefa da organização, pois “o tempo urge, São Paulo é grande. E seu atraso é imenso”²⁶.

O auge do PCB-SP na década de 1920: O Bloco Operário e Camponês e a greve dos gráficos de 1929

O ano de 1925, contudo, é o momento em que importantes militantes entram para o PCB em São Paulo. Dentre eles, podemos destacar Plínio Gomes de Mello, que entrou para o Partido por intermédio de duas outras importantes personalidades que passaram pelo PCB em São Paulo e foram

²⁵ S. Paulo. *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 06/06/1925, p. 3.

²⁶ Estado de S. Paulo: À vanguarda operária. *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 06/06/1925, p. 2.

importantes para a história do comunismo brasileiro, ainda que tenham militado por pouco tempo no PCB: Mário Pedrosa e Lívio Xavier. Também é desta época a entrada no PCB de militantes como Aristides da Silveira Lobo (jornalista), Augusto Pizzuti (sapateiro), Vincente Vizzaco (gráfico), Manoel Medeiros (gráfico) e Reis Perdigão (ex-tenentista). Estes novos militantes que fizeram parte do Comitê Regional do PCB em São Paulo expressavam um crescimento relativo do Partido na metrópole paulista. A partir de então o Partido consegue algum avanço, vivendo seu auge durante a década de 1920 no ano de 1928, quando conseguiu fundar células na maioria dos bairros operários: Luz, Brás, Mooca, Santa Efigênia, Bom Retiro e duas células no Centro²⁷.

No ano de 1927, os comunistas de São Paulo começam a veicular na cidade o jornal *A Nação*, porta-voz do PCB. Lutaram para construir a Sociedade Amigos da Rússia e a Juventude Comunista. Tratou-se de um importante momento de mobilização dos comunistas em São Paulo, com expressivo esforço para engrossar suas fileiras partidárias e conquistar simpatizantes. Entre os militantes notórios que entraram para o PCB nesta época em decorrência do esforço para a fundação das “frentes de massas” está o modernista Emiliano Di Cavalcanti que, segundo Everardo Dias, era um dos mais interessados na fundação da Sociedade Amigos da Rússia na cidade²⁸.

No ano seguinte, 1928, o PCB-SP apareceu pela primeira vez nas eleições sob a legenda do Bloco Operário e Camponês. Lançou o candidato Nestor Pereira Jr. comerciante, para o cargo de deputado estadual em fevereiro de 1928 e o candidato Everardo Dias para a intendência municipal da cidade de São Paulo em outubro de 1928. Os comunistas buscaram levar a cabo uma propaganda eleitoral que atentava

²⁷ CARONE, Edgard. *Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática, 1989, p. 148.

²⁸ DIAS, Everardo. Carta de Everardo a Gildo [Astrojildo Pereira]. São Paulo, 27/01/1927.

para a novidade e o caráter diferenciado do “candidato proletário” e como ele seria a única saída para combater a politicagem da burguesia e das oligarquias agrárias.

O BOC lançou em São Paulo, pela primeira vez, uma candidatura operária com viés revolucionário, rompendo tanto com as tradições reformista (que lançava candidatos operários sem objetivo de romper com a ordem burguesa) e anarquista (que recusava as eleições e o parlamento como campo de disputa para o proletariado em prol de uma pureza revolucionária) do movimento operário. O programa eleitoral do BOC condensava uma série de reivindicações históricas da classe trabalhadora, solidificando numa plataforma política as pautas saídas da experiência de luta do movimento operário, como as férias anuais de 15 dias, os dias de trabalho de 8 horas, a licença maternidade etc. medidas estas que 17 anos depois estariam presentes na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Com o BOC, os comunistas de São Paulo pretendiam mais do que uma novidade formal na política (a simples participação de operários nas eleições). Objetivavam criar uma nova forma de fazer política. O candidato comunista deveria ter um vínculo orgânico com a classe trabalhadora, prestando constantemente conta de suas ações a ela e buscando colher suas reivindicações por meio do seu comparecimento nas reuniões sindicais, comícios, palestras públicas e da presença nos meios operários. O programa do BOC deveria ser uma espécie de “contrato” entre o candidato comunista e a classe operária que não poderia ser quebrado em hipótese alguma, de maneira que o Partido (no caso, o BOC) deveria ser responsável pela disciplina do parlamentar operário. O BOC previa em seus Estatutos uma série de punições para o parlamentar operário que não defendesse

assiduamente o programa operário e a política revolucionária de denúncia da burguesia²⁹.

Na primeira eleição, os comunistas retiraram seu candidato, Nestor Pereira Jr., em decorrência da perseguição policial que interrompia os comícios comunistas, e cedeu apoio ao Partido Democrático de São Paulo. Na eleição de outubro, os comunistas levaram a candidatura de Everardo Dias até o fim, mas tiveram uma votação irrisória: apenas 44 votos, em grande parte consequência das fraudes eleitorais típicas da Primeira República. As duas eleições, porém, renderam aos comunistas paulistanos um enorme acúmulo de experiência militante, prática e teórica, pois não apenas enfrentaram pela primeira vez as eleições burguesas com objetivos revolucionários, mas também travaram importantes debates a respeito de seus resultados.

O debate sobre a eleição de fevereiro ocorreu entre o CR-SP e a Comissão Central Executiva (CCE) do PCB, pois este último condenou veementemente a desistência da candidatura do BOC e mais ainda o apoio deste ao PD, obrigando os comunistas a avançarem nas suas formulações sobre a formação social brasileira e como se davam aqui as lutas de classes, com todas as suas especificidades, a fim de ter mais claro quais eram as alianças políticas possíveis de serem feitas pelos comunistas. Já a eleição de outubro suscitou uma polêmica dos comunistas de São Paulo com um escritor anônimo que assinava pelo nome de Robespierre Mello nas páginas do jornal oposicionista *O Combate* buscando escancarar a fraqueza dos comunistas na cidade mais industrializada do Brasil e obrigá-los a prestar contas de seu fracasso perante o público operário³⁰.

²⁹ PEREIRA, Astrojildo. O candidato operário e sua obra primordial. *Praça de Santos*, Santos, 30/01/1928, p. 3.

³⁰ Para maiores detalhes sobre o BOC-SP, cf. ANDRETO, Lucas Alexandre. *A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922 – 1930)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Assis, 2018.

O fim do ano de 1928 e o começo de 1929 apresentaram-se para os comunistas paulistanos como um período de reorganização qualitativa. Plínio Mello, em carta para Astrojildo Pereira (secretário-geral do PCB), admite que os comunistas de São Paulo, nos seis anos passados de vida partidária, simplesmente “não sabiam trabalhar”, o que aprenderam apenas naquele momento graças ao envio de um militante experiente do Rio de Janeiro para São Paulo ³¹. Como demonstração de que a organização dos comunistas em São Paulo iria se transformar, Plínio Mello enviou uma circular a todos os Comitês de Zona da cidade explicando como se daria o trabalho do Partido, colocando ênfase na importância da disciplina, na organização e conjunção do trabalho prático e teórico e em medidas para garantir a segurança dos militantes³².

Contudo, Plínio Mello não permaneceu por muito tempo em São Paulo, sendo transferido para o Rio Grande do Sul no início de fevereiro de 1929 com o intuito de reorganizar o Partido na região e candidatar-se ao Congresso Nacional pelo Bloco Operário e Camponês. Nesse exato momento, o PCB começa a centrar suas forças na capital paulista para começar e levar a cabo uma nova greve dos gráficos, que vinham se preparando para isso desde 1927.

A greve dos gráficos de 1929 exigia o cumprimento da legislação já vigente sobre as férias, o trabalho feminino e infantil e os acidentes de trabalho, bem como a implantação de um sistema de salário mínimo com ajuste salarial e o reconhecimento da União dos Trabalhadores Gráficos (UTG) como representante dos gráficos e órgão de recrutamento de

Para uma história geral do Bloco Operário e Camponês, cf. KAREPOVS, Dainis. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil: O Bloco Operário e Camponês (1924 – 1930)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

³¹ MELLO, Plínio. Carta de Plínio Mello a Astrojildo Pereira. São Paulo, 27/11/1928.

³² Comitê Regional de São Paulo do Partido Comunista do Brasil. Aos comitês de zona da região de S. Paulo. São Paulo, 04/12/1928.

trabalhadores para a indústria gráfica. Após enviarem um memorial com essas reivindicações aos patrões, os trabalhadores gráficos entraram em greve no dia 23 de fevereiro.

A greve dos gráficos de 1929 foi, sob todos os aspectos, mais radical do que a de 1923: a repressão policial e a intransigência dos patrões foram muito maiores, o que demandou por parte dos trabalhadores um trabalho de organização permanente mais sólido e uma busca desesperada por aliados. Os comunistas de São Paulo não contavam com recursos suficientes para organizar a greve sozinhos, de maneira que foi necessário que o PCB mobilizasse suas forças no país inteiro para ajudar os gráficos de São Paulo. Logo depois que ela foi declarada, toda a direção da UTG foi presa e a sede do sindicato foi fechada pela polícia, o que significou também a prisão de parte significativa do CR-SP do PCB. Assim, o Partido Comunista enviou para São Paulo militantes da Juventude Comunista do Rio de Janeiro e militantes comunistas argentinos vindos de Buenos Aires para ajudar na coordenação da greve dos gráficos. A polícia ainda prendeu a direção de outro sindicato comunista na cidade, A Internacional, sindicato de garçons e cozinheiros, pois estes estavam cedendo a sede do sindicato para as reuniões dos gráficos. Uma série de militantes do PCB e de gráficos grevistas e não grevistas foi presa e tiveram suas casas invadidas pela polícia. Everardo Dias começou a ser seguido pelos policiais, e o sapateiro comunista Augusto Pizzuti, depois de preso, ficou desaparecido por semanas.

Depois de dois meses de greve, os operários gráficos começaram a sofrer com a falta de dinheiro para comprar alimentos, o que obrigou o PCB a realizar uma campanha de donativos para os gráficos que, segundo Foster Dulles, “assumiu características de uma cruzada”³³. Todas as organizações vinculadas aos comunistas pelo país inteiro enviaram recursos para os

³³ DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 313.

operários grevistas. Laura Brandão, esposa de Octávio Brandão, vendeu o montepio de suas filhas por 15 contos de réis e doou o dinheiro para a greve dos gráficos. Minervino de Oliveira, dirigente comunista e intendente municipal do Rio de Janeiro pelo BOC, viajou constantemente do Rio para São Paulo e de São Paulo para o Rio com a finalidade de ser porta-voz dos gráficos no Rio de Janeiro, conseguir para eles a solidariedade dos trabalhadores cariocas e levantar dinheiro para a greve. O Comitê das Mulheres Trabalhadoras, organizado pelas mulheres comunistas, tratou de denunciar os casos de abusos ocorridos contra as mulheres por parte dos patrões e da polícia, e o Comitê Pró-Confederação Geral do Trabalho fez propaganda da greve dos gráficos por todo o país, de forma que o dirigente comunista Paulo de Lacerda chegou a afirmar que o movimento havia se tornado mais conhecido no Brasil do que na própria cidade de São Paulo.

Os comunistas ainda negociaram com pequenos comerciantes da capital paulista um sistema de cartões de auxílio aos grevistas, pelo qual os donos dos pequenos comércio permitiam que os trabalhadores retirassem alimentos por meio de um cartão e, no fim do dia, o Comitê de Greve passasse nos estabelecimentos saldando a conta. Mesmo essa iniciativa foi duramente reprimida pela polícia

Ontem, à tarde, num desses estabelecimentos [onde o Comitê de Greve tinha acordo com os negociantes para fornecer auxílio aos grevistas], a rua do Hippodromo, estava o seu proprietário servindo vários fregueses, entre os quais um mocinho gráfico. Entrando bruscamente um agente de polícia no armazém não só quis tirar das mãos do menor os gêneros como levou a sua audácia ao ponto de intimidar o negociante a não mais vender gêneros aos gráficos. Como o negociante protestasse contra a violência e declarasse que ele venderia gêneros a quem bem entendesse, pois para isso pagava as suas licenças – o agente lhe deu voz de prisão,

conduzindo-o, bem como o menor para a Delegacia da Ordem Política e Social³⁴.

Os comunistas interpretaram a greve dos gráficos de São Paulo como o início de um novo período de lutas operárias no Brasil, um avanço qualitativo no método de organização e mobilização em relação às greves do passado. Eles buscavam, sobretudo, diferenciar-se dos métodos de greve dos anarquistas. Enquanto os anarquistas priorizavam a espontaneidade do surgimento e desenvolvimento das greves, os comunistas organizavam as greves com grande prazo de antecedência, levantavam as reivindicações dos operários, condições de vida e trabalho, transformavam as informações em pautas reivindicativas presentes numa carta a ser enviada para os patrões, mobilizavam com antecedência os recursos e as forças previstas para sustentar a greve etc. Além disso, os comunistas também rejeitavam os chamados “métodos violentos” usados nas greves anarquistas, como a sabotagem e a explosão de bombas.

Nesse sentido, Astrojildo Pereira defendeu que a greve dos gráficos de 1929 deveria ser minuciosamente estudada pelo PCB, ressaltando as questões da estratégia, da tática, da disciplina etc. Segundo o secretário-geral do Partido Comunista,

Toda a burguesia e o seu aparelho estatal concentraram as forças para combater e esmagar o movimento; todo o proletariado, por sua vez, correu em ajuda aos companheiros em greve. A organização, a disciplina, a resistência dos grevistas foram admiráveis. O trabalho de agitação e de ajuda monetária ao movimento, realizado pelos organismos sindicais, sob a direção do Partido, foi em conjunto igualmente admirável. O papel da juventude e das mulheres, de primeira ordem. Por tudo isso, a greve

³⁴ A Greve dos Gráficos: uma inqualificável violência da polícia. *Diário Nacional*, São Paulo. 08/05/1929, p. 12.

de S. Paulo foi uma luta que se desenvolveu num plano superior de batalha em comparação com as lutas do passado³⁵.

A greve dos gráficos de São Paulo terminou depois de 72 dias, duração bem maior do que a média das outras greves da época, com uma vitória parcial. Os gráficos conquistaram as reivindicações econômicas (cumprimento das leis trabalhistas, salários etc.), mas não conseguiram as reivindicações que buscavam fortalecer a UTG, por exemplo, fazer deste sindicato o órgão de contratação de trabalhadores para as indústrias gráficas. A greve proporcionou um saldo organizativo enorme para os comunistas, mas também suscitou críticas por seu caráter exaustivo, de modo que os comunistas que depois deixaram o Partido por se tornarem trotskistas, como Plínio Mello e João Jorge da Costa Pimenta, afirmaram que ela prolongou-se para além das capacidades da categoria dos gráficos, obrigando os trabalhadores a passar por todo tipo de provas. De toda forma, a greve dos gráficos de 1929 foi um dos acontecimentos de maior envergadura na cidade de São Paulo na década de 1920 e no qual os comunistas tiveram importante responsabilidade³⁶.

No fim do ano de 1928 e começo de 1929 a atuação dos comunistas em São Paulo foi tema do III Congresso do PCB. Nesta ocasião, o III Congresso condenou veementemente o apoio que o BOC-SP deu ao Partido Democrático nas eleições de fevereiro de 1928 e declarou que “estes desvios mostram que a organização local do PCB não tinha a necessária

³⁵ Carta de Américo Ledo [Astrojildo Pereira] a Saulo [Paulo de Lacerda]. Moscou, 08/08/1929. (CEDEM – Coleção Internacional Comunista).

³⁶ Uma história detalhada da greve dos gráficos de 1929 pode ser encontrada em BLASS, Leila Maria da Silva. *Imprimindo a própria história: o movimento dos trabalhadores gráficos de São Paulo no final dos anos 20*. São Paulo: Loyola, 1986; ANDRETO, Lucas Alexandre. *A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922 – 1930)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Assis, 2018.

eficiência ideológica e orgânica para opor uma barreira a esses desvios"³⁷. O caso de São Paulo prossegue no último item discutido no Congresso, denominado "À Conquista de S. Paulo". A primeira declaração do III Congresso a respeito é que ele considera que "a atividade do Partido Comunista em São Paulo tem sido, até hoje, insuficientíssima em seus resultados, de forma alguma correspondendo à preponderância econômica e política que aquele Estado exerce no Brasil"³⁸. Dessa forma, o Congresso determina que

é preciso, é imprescindível, é urgente que o Partido penetre mais fundo em São Paulo no sentido de conquistar à influência comunista as massas trabalhadoras das cidades industriais e das fazendas agrícolas, as quais, pela exploração e opressão em que vivem e bem assim pela concentração do trabalho tanto urbano como rural; oferecem as melhores perspectivas revolucionárias ao Partido ³⁹.

Assim, o III Congresso determinou que se deveria fazer um estudo aprofundado da situação de São Paulo, formulando em seguida uma série de diretivas práticas para o trabalho do Partido na região que deveriam ser levadas para a próxima Conferência Regional.

Também foi deliberado que o Comitê Regional de São Paulo deveria levar a cabo a tarefa de reforçar a base orgânica e ideológica do Partido com a exigência da mais rigorosa disciplina em suas fileiras, maior educação teórica dos membros e o mais intenso recrutamento de novos membros, para o que deveriam ser lançadas as palavras de ordem no sentido de

³⁷ Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do PCB. Rio de Janeiro, 1929-1930, p. 14.

³⁸ Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do PCB. Rio de Janeiro, 1929-1930, p. 28.

³⁹ Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do PCB. Rio de Janeiro, 1929-1930, p. 28.

serem conquistadas as grandes fábricas e oficinas de São Paulo, bem como as fazendas de café no interior. O trabalho do BOC-SP também deveria ser intensificado. O PCB-SP também ficava incumbido de fundar a Federação Sindical Regional de São Paulo e filiá-la à CGT nacional, bem como criar uma Liga Anti-imperialista, uma Liga Antifascista, o Socorro Proletário e formar sociedades esportivas e culturais objetivando ampliar a influência ideológica, política e orgânica do Partido ⁴⁰.

A crise no PCB e a repressão política

Contudo, o PCB-SP não teve a oportunidade de colocar em prática os planos do III Congresso do Partido e tampouco de prosseguir seu avanço organizativo. As eleições de 1930 trouxeram à luz do dia o conflito interno entre as oligarquias dominantes no Brasil da época. A Aliança Liberal, liderada por Getúlio Vargas, reuniu em torno de si toda a parcela oligárquica que se opunha ao domínio do Estado brasileiro pelo Partido Republicano Paulista, isto é, a oligarquia do estado de São Paulo, e começou a acirrada disputa eleitoral. Em função do perigo de perder sua hegemonia política, a oligarquia paulista elevou à máxima potência a repressão policial e, evidentemente, os comunistas se tornaram um alvo prioritário. Aristides Lobo, que concorreu vaga ao Congresso Nacional pelo BOC-SP, foi preso e deportado logo no começo do pleito, vendo-se impossibilitado de participar. No Rio de Janeiro foi preso também Minervino de Oliveira, candidato do

⁴⁰ Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do PCB. Rio de Janeiro, 1929-1930, p. 28.

BOC para à Presidência da República, assim como os dirigentes comunistas Paulo de Lacerda e Mario Grazzini⁴¹.

Durante o ano de 1930 a polícia política praticamente desmantelou o Partido Comunista na cidade de São Paulo, de modo que o então dirigente do CR-SP, Florêncio Tejeda, relatou em carta para Astrojildo Pereira que a repressão havia se tornado tão grande que não havia mais um Comitê Regional na cidade de São Paulo e “tão cedo não estaremos em condições de organizar aqui na capital, pelo menos um C. R.”, de forma que o próprio autor da carta estaria sendo perseguido pela polícia. De modo geral, ele informa que

A situação do Partido continua má organicamente. As 4 células existentes continuam sem realizar trabalho algum apreciável, tendo-se reunido com grandes dificuldades. Ainda não conseguimos formar um comitê de zona que trabalhe eficientemente.

A juventude também não vai bem. As 4 células não funcionam a contento.

O motivo principal do péssimo andamento dos trabalhos é estarmos todos os que estão resolvidos a trabalhar sob uma tremenda vigilância policial. O trabalho continuará mal enquanto não se tomarem medidas mais enérgicas, dentre as quais a principal é a substituição dos elementos conhecidos da direção por outros que não o sejam⁴².

Não bastasse a perseguição por parte da polícia, o próprio PCB passava por graves problemas internos que decorreram da mudança tática do movimento comunista internacional. No VI Congresso da Internacional Comunista, ocorrido em 1928, Bukharin apresentou a teoria dos três períodos: um primeiro período (1917-1921) de ascensão revolucionária do proletariado;

⁴¹ DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 338.

⁴² Carta de Tejeda para Astrojildo Pereira. São Paulo, 13/07/1930. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

segundo período (1922 – 1927) de recuperação e ofensiva do capitalismo frente à derrota do movimento operário europeu; e um terceiro período (1928 em diante) de ampla reorganização capitalista por meio da expansão do monopólio e desenvolvimento técnico, bem como de crescimento das forças opostas ao capitalismo, de aguçamento das lutas de classes e da iminência de uma situação revolucionária. Das características do terceiro período decorria a necessidade de uma política que foi chamada pelos comunistas de “classe contra classe”, que nada mais era do que fazer a denúncia sistemática do caráter traidor das correntes reformistas do movimento operário, comparando-as inclusive com o fascismo. Em outras palavras, era uma política que objetivamente levava à ruptura da aliança com os sociais-democratas que era preconizada pela política de frente única. No Brasil, como não havia social-democracia, a ruptura se deu com os tenentistas, o que se expressou nas constantes críticas do PCB à Luiz Carlos Prestes no exato momento em que este demonstrava, por meio de seus manifestos, uma guinada em direção ao comunismo.

Bukharin também se dedicou à análise do capitalismo mundial, tendo aí a América Latina o seu lugar. Segundo ele, existiriam três tipos de países em estágios distintos do desenvolvimento capitalista: os países de capitalismo desenvolvido, os de capitalismo médio e os países coloniais e semicoloniais. Os países latino-americanos, segundo essa interpretação, viviam sob forte pressão do imperialismo dos EUA, o que aprofundava o processo revolucionário e abria a possibilidade de um desenvolvimento não capitalista e, portanto, da criação de sovietes de operários e camponeses objetivando a tomada do poder⁴³.

O informe de Jules Humbert-Droz, representante do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista, expôs o desenvolvimento dos países

⁴³ ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, p. 81.

latino-americanos como dependentes do imperialismo norte-americano, ou seja, a burguesia latino-americana desenvolvia-se refém de empréstimos e relações de dominação dos Estados Unidos da América. Como o desenvolvimento das burguesias nacionais latino-americanas era dependente do imperialismo norte-americano, seus interesses de classe estariam atrelados aos interesses imperialistas e, por isso, ela seria incapaz de realizar seu papel histórico de uma revolução democrático-burguesa⁴⁴. No caso brasileiro, isso implicava dizer que os interesses da burguesia industrial e da burguesia agrária eram imbricados, o que minava a tese básica de Octávio Brandão em *Agrarismo e Industrialismo*, que havia determinado a política do PCB até então. Em outras palavras, toda a política que passou a ser defendida pelo movimento comunista internacional levava ao sectarismo e à ruptura com as alianças.

Em novembro de 1929, o Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC) chamou uma série de reuniões com os representantes do PCB em Moscou: Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, Russildo Magalhães e Lunin. Nelas, discutiram a conjuntura brasileira, condenaram criticamente as resoluções tomadas no III Congresso do PCB e, principalmente, as teorias elaboradas por Octávio Brandão desde *Agrarismo e Industrialismo* até aquele momento. Desta reunião tirou-se que a contradição principal na conjuntura brasileira se dava entre a passagem do feudalismo para o capitalismo, que se expressava por meio de uma crise do padrão de acumulação de capital agromercantil para um processo de industrialização.

Mais uma vez a questão brasileira e a política do PCB foram debatidas no interior do movimento comunista internacional durante abril-maio de 1930, desta vez em Buenos Aires em reunião do Pleno Ampliado do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA-IC), quando se

⁴⁴ ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, p.86.

ratificou o que havia sido resolvido anteriormente em Moscou. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão tornaram-se bodes expiatórios, culpados por tudo aquilo que a III Internacional rejeitou na política levada a cabo pelo PCB. Assim, em 22 de junho, em reunião do Comitê Central do PCB, as diretivas foram aplicadas visando à “proletarização” do Partido, o que acabou por ser na prática o início da política “obreirista”, que basicamente era uma política de condenação absoluta de intelectuais e pessoas de origem burguesa ou pequeno-burguesa dentro do Partido em prol de um culto a uma imagem estereotipada e mitificada do operário. Nessa ocasião foram expulsos os intelectuais que faziam parte do Comitê Central do PCB, no caso, Octávio Brandão, Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Fernando de Lacerda e mesmo operários como Manoel Ferreira da Silva e José Casini, supostamente “aburguesados” por sua relação próxima com os intelectuais. Em agosto, Astrojildo Pereira se demitiu do cargo de secretário-geral do PCB em benefício do avanço da política de proletarização e é enviado para São Paulo junto com Paulo de Lacerda para “reabilitação”.

A crise nas instâncias dirigentes do PCB piorou a desorganização causada inicialmente pela repressão policial, tendo como consequência uma desagregação praticamente completa dos comunistas na cidade de São Paulo. A política obreirista, somada a toda uma série de conflitos que a CCE nutria com os dirigentes paulistanos desde a eleição de fevereiro de 1928, acabou por criar o terreno propício para que Plínio Gomes de Mello, Aristides Lobo, Manoel Medeiros, João Jorge da Costa Pimenta e outros importantes militantes do PCB em São Paulo se juntassem a Lívio Xavier e Mario Pedrosa na ruptura com o Partido e início do movimento trotskista brasileiro.

Desta maneira, em 1930 fecha-se um ciclo na história do Partido Comunista do Brasil (PCB) tanto na cidade de São Paulo como

nacionalmente. A situação do PCB em São Paulo arrastou-se desta maneira até agosto de 1931, quando Leôncio Basbaum, retornando de um breve exílio na Argentina, desembarcou em Santos e foi então para São Paulo, quando descobriu que

No dia anterior, antes mesmo de que pudesse entrar em contato com eles, todo o CR fora preso e também alguns outros camaradas. Com eles, foram também Astrojildo e Paulo. Praticamente se acabara o PCB em São Paulo, onde, aliás, nunca fora grande coisa⁴⁵.

Basbaum ficou então incumbido de reorganizar o Partido em São Paulo, reagrupando os antigos militantes e simpatizantes espalhados e escondidos devido à repressão policial. São Paulo, por ser o polo aglutinador do poder político derrubado em outubro de 1930, foi onde as liberdades democráticas foram estabelecidas com maior rapidez, de maneira que o interventor João Alberto estabeleceu uma política de relativa tolerância para com o movimento operário. Por essa razão, em outubro de 1931, Leôncio Basbaum notou o enfraquecimento da perseguição policial na capital paulista e propôs à CCE do PCB que se mudasse para São Paulo, pois no Rio de Janeiro a repressão parecia aumentar ainda mais⁴⁶. Apenas a partir desse momento os comunistas conseguem rearticular sua política na Pauliceia.

Conclusão

⁴⁵ BASBAUM, Leoncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1972, p. 111.

⁴⁶ BASBAUM, Leoncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1972, p. 112.

Uma conclusão do que foi a trajetória dos comunistas em São Paulo na década de 1920 exige lembrar o leitor de que a militância comunista durante praticamente todo esse período foi um trabalho executado sob forte perseguição por parte da polícia. Ao mesmo tempo, a década de 1920 foi um período em que o movimento operário passava por um recuo em relação ao que havia sido na década anterior. A criação do PCB ocorreu, portanto, sobre um terreno desfavorável.

Os comunistas buscaram criar frentes de massa em São Paulo que possibilitassem mobilizar um largo contingente de pessoas em torno de temas caros ao Partido. De todas as frentes de massa, o Bloco Operário e Camponês foi a que obteve maior sucesso nesse período. Depois da greve dos gráficos de 1929, certamente as eleições disputadas pelo BOC foram o evento de maior vulto dos comunistas na cidade. A disputa eleitoral possibilitou a propaganda das pautas principais do PCB por meio de um jornal de maior circulação do que a do jornal do próprio Partido, transformou os comunistas em uma força política a ser reconhecida na cidade tanto pela população em geral quanto pelos outros partidos políticos, rompeu com a tradição abstencionista que o anarquismo alimentou por mais de uma década no movimento operário, possibilitou a aproximação com elementos políticos progressistas como Manoel Nestor Pereira Jr. e, como gostavam de dizer, inaugurou a participação da classe operária nas eleições em um Partido revolucionário.

A base de classe do PCB em São Paulo era constituída por intelectuais, principalmente jornalistas, e duas categorias de trabalhadores bem distintas: gráficos e trabalhadores do ramo alimentício (garçons e cozinheiros). A conquista da hegemonia dos comunistas nessas duas categorias se deveu em grande medida à conversão de suas lideranças do anarquismo ao comunismo no começo da década, o que não significa que os comunistas

não tivessem respaldo nas bases dos sindicatos. Os gráficos, entretanto, eram o ponto forte do Partido em São Paulo. A União dos Trabalhadores Gráficos não apenas era o sindicato mais organizado, com maior estabilidade dos comunistas na direção, como também era um difusor cultural e ideológico do PCB nas bases operárias da cidade e responsável pelas duas greves de maior peso durante a década.

Buscamos expor os principais problemas que os comunistas enfrentaram na tarefa de construção do PCB na cidade de São Paulo, atentando-nos à forma como eles foram superados ou não, apontando os objetivos da tática do PCB na década de 1920 e os caminhos que foram buscados para concretizá-la. A construção de uma seção nacional da Internacional Comunista exigia lidar com todas essas questões e tantas outras. Em geral, a bibliografia sobre a história do PCB descreve a atuação dos comunistas em São Paulo como muito deficiente. Em comparação com locais como o Rio de Janeiro ou Santos, sem dúvida a ação dos comunistas em São Paulo foi modesta. Mas devemos afirmar nesta conclusão que, apesar disso, ela foi determinante em organizar setores importantes do operariado paulistano em novas bases e critérios de atuação (como ficou evidente nas greves dos gráficos) e conseguiu realizações de relativo peso no âmbito do movimento operário. Em linhas gerais, acima de tudo a experiência dos comunistas na cidade de São Paulo reproduziu os dramas e dilemas que o Partido passava no país inteiro. Muitos desses problemas, como a tarefa de definir as alianças políticas e criar uma teoria da revolução no Brasil apareceram nesse momento como pontos de partida que serão desenvolvidos no decorrer futuro da história do Partido.

REFERÊNCIAS

- ANDRETO, Lucas Alexandre. A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922 – 1930). Mestrado. Departamento de História, Unesp, Assis, 2018.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BASBAUM, Leoncio. Uma vida em seis tempos: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1972.
- BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In FREITAS, Marcos Cezar de. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001.
- BLASS, Leila Maria da Silva. Imprimindo a própria história: O movimento dos trabalhadores gráficos de São Paulo no final dos anos 20. São Paulo: Loyola, 1986.
- BRANDÃO, Octávio. Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. São Paulo: Garibaldi, 2006.
- CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo: Ática, 1989.
- CHILCOTE, Ronald. Partido Comunista Brasileiro: Conflito e Integração (1922 – 1979). Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- DULLES, John Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- GOMES, Leandro Ribeiro. Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2012.
- KAREPOVS, Dainis. A Esquerda e o Parlamento no Brasil: O Bloco Operário e Camponês (1924 – 1930). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- NETO, Thomas. Ramos. Algumas observações sobre a fundação do Partido. In Estudos. Edições SAP, Ano I, n. 2, 1971.
- PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Tradição e modernidade: Affonso Schmidt e a literatura paulista (1906 – 1928). São Paulo: Annablume, 2002.
- PEIXOTO, Artur Duarte. Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927 – 1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB (1922 – 1928). São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e o Brasil (1922 – 1935). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SCHMIDT, Afonso. Bom Tempo. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros? Revista Outubro, n. 29, 2017.
- ZAIDAN FILHO, Michel. PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985.
- ZAIDAN FILHO, Michel. Notas sobre os origens do PCB em Recife. In: BEZERRA, Aurélio Menezes; VASCONCELOS, Maicon Maurício; SANTANA, Rafael. (Org.). Manifestações

Operárias e Socialistas em Pernambuco. 01ed. Recife: Núcleo de estudos eleitorais, partidários e da democracia-UFPE, 2012, v. 01, p. 111-126.

PERIÓDICOS

A Classe Operária, Rio de Janeiro. ASMOB – CEDEM. BNDigital.

Diário Nacional, São Paulo. BNDigital.

Praça de Santos. Santos. Arquivo Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio.

CARTAS

DIAS, Everardo. Carta de Everardo a Gildo [Astrojildo Pereira]. São Paulo, 27/01/1927. LEDO, Américo. Carta de Américo Ledo [Astrojildo Pereira] a Saulo [Paulo de Lacerda]. Moscou, 08/08/1929. (CEDEM – Coleção Internacional Comunista).

MELLO, Plínio. Carta de Plínio Mello a Astrojildo Pereira. São Paulo, 27/11/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

OLIVEIRA, João Freire de. Carta de João a Astrojildo Pereira. Santos, 20/05/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

OLIVEIRA, João Freire de. Carta de João ao camarada Astrojildo. Santos, 16/09/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

PEREIRA, Astrojildo. Carta de Astrojildo Pereira a Plínio Mello. Rio de Janeiro, 14/12/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

TEJEDA, Florêncio. Carta de Tejeda para Astrojildo Pereira. São Paulo, 13/07/1930. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira).

FONTES

BRANDÃO, Otávio. Otávio Brandão (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993.

Comitê Regional de São Paulo do Partido Comunista do Brasil. Aos comitês de zona da região de S. Paulo. São Paulo, 04/12/1928.

Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo II Congresso, Rio de Janeiro, 1925.

Partido Comunista do Brasil (PCB). Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do PCB. Rio de Janeiro, 1929-1930.

Artigo recebido em 27/03/2020 e aprovado em 07/05/2020.